

MÍDIA E PREVISÃO DO TEMPO: uma questão de interpretação

RAMOS, Roberto

Professor da FAMECOS-PUCRS na Graduação e na Pós-Graduação, Doutor em Educação.

E-mail: rr@pucrs.br

ZAMBERLAN, Liége

Doutoranda do PPGCom, FAMECOS-PUCRS, Mestre em Comunicação Social, pela FAMECOS-PUCRS.

E-mail: liegezm@uol.com.br

RESUMO

As Tragédias possuem um sentido de purificação, conforme Aristóteles (1960). O Maremoto, ocorrido na Ásia, em 2004, matando mais de 300 mil pessoas, parece reivindicar uma nova demanda na Mídia. As previsões meteorológicas e climáticas precisam ser recicladas. Somente a Informação pode não ser suficiente. A Interpretação se esboça, de forma emergente, com emergência. Tais questões serão refletidas, neste ensaio, com os subsídios teóricos e metodológicos da Semiologia, de Roland Barthes.

Palavras-chave: Mídia. Semiologia. Meio Ambiente.

1 INTRODUÇÃO

A obsessão pela previsão do tempo parecia ser pronunciada, com especificidade. Era uma demanda de países e regiões que corresse riscos de algum fenômeno atmosférico. O Maremoto asiático, em 2004, pode ter massificado tal preocupação, como uma nova demanda, para a Mídia, sobretudo, a eletrônica.

O presente ensaio, em suas limitações, procurará refletir sobre as exigências da revalorização da previsão do tempo na Mídia eletrônica, através da Televisão. Usaremos, para tanto, a Semiologia, de Roland Barthes, em suas possibilidades interdisciplinares.

2 A INTERDISCIPLINARIDADE ECOLÓGICA EM MOVIMENTO

Compreender os fenômenos naturais não é tarefa fácil, ainda mais quando os mesmos revelam a inadequada intervenção humana junto ao meio ambiente.

A representatividade metereológica como quadro telejornalístico pode indicar a ponta de um iceberg de estudos e concepções um pouco deturpados no estoque de conhecimento do telespectador.

O olhar voltado para a questão ambiental apresenta-se, em geral, compartimentado, restrito ao escaninho da cientificidade. A deficiência interdisciplinar, instigada, de certa forma, pelos jornais eletrônicos, coloca dialogicamente, a dinâmica ecológica num patamar quase inalcançável, distante das realidades sociais.

São ainda recentes os exemplos de veículos de comunicação que dão espaço à causa ambiental e que buscam, processualmente, construir um conhecimento integrado, capaz de revelar o diálogo entre a escolha do biscoito, no supermercado, e a sustentabilidade, bem como o vínculo entre a utilização de folhas de papel e a preservação das áreas verdes.

A desconexão informativa entre o social e o ambiental, reveladora da política de uma mente em partes, aparece, também, sinalizada em grande parte dos boletins sobre o tempo. Uma série de dados presenteístas, estanques do todo causador dos fenômenos metereológicos, são anunciados numa perspectiva despreocupada com o

diálogo entre o texto e o contexto. Tal quadro, nos programas telejornalísticos, pode ser considerado um dos representantes de um jornalismo fragmentado, principalmente, no que tange a área ambiental.

É comum observarmos jornalistas e o todo social delegando mesmo significado para as perspectivas conceituais e práticas da Ecologia e do meio ambiente. Eis aí um ato falho a ser corrigido.

Derivada do grego *oikos*, que significa casa, unido ao *logos*, referente ao estudo, a Ecologia está voltada para o olhar amplo sobre o ambiente em que vivemos (ODUM, 1988) analisando “[. . .] todas as interações entre os seres vivos, incluídos os seres humanos, e seu ambiente.” (CALLENBACH, 2001, p. 58).

Objetivando compreender os seres vivos na sua totalidade, ignorando as compartimentações, típicas da maioria das ciências, a Ecologia “[. . .] enfatiza mais o estudo das estruturas, das redes, dos equilíbrios e dos ciclos do que as causas e os efeitos diretos estudados pela física e pela química.” (CALLENBACH, 2001, p. 58).

Assim, enquanto a Ecologia representa a “ciência da morada”, o meio ambiente, ou ecossistema, é a própria morada, constituída pela fauna, pela flora e, especialmente, pelo ser humano, que interage com o seu habitat (KLOETZEL, 1998).

Mas se, hoje, ainda há dificuldade em formarmos concepções e estabelecermos conceitos ecológicos e ambientais, tal quadro era mais alarmante no período que antecedia a RIO-92. A Conferência, que aconteceu no Rio de Janeiro, permitiu o desabrochar de uma concepção verde, já semeada quase duas décadas antes do encontro, no Brasil.

A partir dos anos 70, as entidades norte-americanas Audubon e Sierra Club, voltadas para a defesa da Natureza, ampliaram seus horizontes de ação, atuando junto a práticas ecológicas, a fim de amenizar âmbito global do descuido com o meio ambiente. Nesse período, com o apoio do Comitê dos Cientistas Atômicos, contrário as experiências nucleares na atmosfera, e, em seguida, de Rachel Carson, uma das pioneiras no combate ao uso de pesticidas, surgiu o movimento ecológico organizado (CARNEIRO, 2003).

Diante de uma série de denúncias, referentes ao uso indiscriminado dos recursos naturais, a ONU organizou, em 1972, uma reunião mundial, que levou a Estocolmo, representantes de diversas nações. O encontro, marco no movimento ambientalista, revelou a defesa de uma posição poluidora, por muitos países, inclusive pelo Brasil, e, ainda, estipulou, o cinco de junho, como o Dia Mundial do Meio Ambiente (CARNEIRO, 2003).

A partir da reunião de Estocolmo, uma gama de cientistas, nacionais e internacionais, começaram a elaborar obras, de cunho ambientalista. No entanto, antes dessa tomada de consciência, quase que generalizada, por intelectuais de expressão, da época, em 1922, a preocupação com as aves, fez surgir o Conselho Internacional de

Proteção das Aves. Vinte e quatro anos depois, a UNESCO, em parceria com alguns governos e organizações não-governamentais, criou a UICN (União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais) que, em 1961, contribuiu para a fundação da WWF (Fundo Mundial para a Vida Silvestre) (CARNEIRO, 2003).

O diálogo entre o trabalho desenvolvido pelas organizações e as concepções científicas, viabilizou a construção de uma visão do todo ambiental global, culminando no Primeiro Congresso Mundial para a Vida Silvestre que, intitulado de A Natureza e o Homem, representou o ponto de partida da fase atual do movimento ambientalista (CARNEIRO, 2003).

No final dos anos 60, graças a uma manifestação contrária ao desenvolvimento nuclear, surgiu, pelas mãos norte-americanas, o Greenpeace - entidade protetora dos recursos naturais, de maior projeção mundial (CARNEIRO, 2003).

No Brasil, as manifestações pró-meio ambiente, despontaram, em 1954, com a criação da ADEFLORA, voltada para a defesa do Pontal do Paranapanema, bem como com a fundação, em 1958, da FBCN (Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza) e da Secretaria Federal do Meio Ambiente, em 1974 (CARNEIRO, 2003).

Em abril de 1971, como ícone da luta ambientalista brasileira, surgiu a AGAPAM (Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural), na qual se destacava a figura do agrônomo José Lutzemberger, um dos responsáveis pela difusão nacional da temática ambiental. Em 1972, um grupo de mulheres, liderado por Magda N. Rênner, engajou-se no movimento ecológico, que resultou na criação da ADFG (Ação Democrática Feminina Gaúcha), atualmente, filiada a Amigos da Terra, com sede em Porto Alegre-RS (CARNEIRO, 2003).

Apesar de alguns percalços políticos, a partir de 1984, a AGAPAM desempenhou papel significativo nas discussões que regeram a RIO-92 e, ainda hoje, continua em plena atividade em prol da Natureza (CARNEIRO, 2003).

Em dezembro de 1998, por iniciativa das ONGs gaúchas Pangea e Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul, ganhou vida, via Internet, a Rede de Jornalismo Ambiental (RBJA), cujo objetivo é trocar pautas, fontes e informações ambientais em geral entre veteranos e novatos na área (JORNALISMO AMBIENTAL, 2003).

Desde a realização da RIO-92, o Jornalismo ambiental brasileiro passou a ter voz ativa a partir de publicações como o Jornal do Meio Ambiente e o jornal Terramérica, produzidos por ONGs; bem como as revistas digitais Água Online e Rede Verde, conectadas com a realidade ambiental planetária.

No meio televisivo, alguns programas como Globo Ecologia e Repórter Eco, são significativos, porém denunciadores de um fazer jornalístico ainda compartimentado. Nos telejornais, a problemática ambiental é pautada muito mais pela ótica da destruição do que pela perspectiva sustentável. O reflexo fica explicitado no anúncio da

previsão do tempo, onde o diálogo do verbal e do não-verbal não indica a conectividade das partes com o todo sócio-ambiental.

2.1 Fenômenos Naturais

Desde os primórdios dos tempos, o homem tem se preocupado e se ocupado com os fenômenos naturais. Tem sido uma espécie de pré-requisito, uma necessidade histórica, por vezes, obsessiva, para a garantia da sua sobrevivência.

Em diferentes momentos históricos, as previsões meteorológicas e climáticas têm sido invariantes, com diferentes. Desde o uso das diversas manifestações empíricas até a utilização da tecnologia, como um dos signos da contemporaneidade.

Langlö (1974, p. 32) dimensiona a sua relevância, para os mais diferentes setores da vida humana:

[. . .] É inegável a influência das condições atmosféricas, no que tange à demanda de energia, para a indústria ou para o consumo [. . .] Os economistas estão de acordo que uma boa informação meteorológica é indispensável, para a elaboração e execução dos planos de desenvolvimento [. . .]

O desenvolvimento tecnológico vem adicionando novos recursos no empreendimento de prever as imprevisibilidades da natureza. São os casos, por exemplo, do uso de computadores e de satélites meteorológicos.

Vivemos, na atualidade, tutelados por alguns signos. Um dos quais é a Globalização, como a hegemonia mundial do modo de produção capitalista. Vem se configurando, ao mesmo tempo, como um processo cultural e econômico. É agenciado, entre outros fatores, por um combustível muito singular - a Informação da Mídia, em circuito mundial.

O Socioleto - as características de linguagem, conforme Barthes (1988) - da Mídia subverteu o conceito de Espaço. Alterou o desenho dos mapas e reciclou alguns postulados geográficos. Parece ser imperioso ganhar tempo.

A Mídia contemporânea é uma organização-síntese. Empreende os interesses econômicos e culturais, como se fossem faces de uma só moeda. Possui em encantamento, muito próprio, de transformar tudo em uma mercadoria.

A Literatura, com a sua capacidade criatividade de compreensão e apreensão sociais, já a metaforizou. O romance, 1984, de Orwell (2002, p. 8) sincretizou a força midiática, como uma Teletela, o Grande Irmão, que tudo controla, através das câmeras. Ele a pormenoriza: “[. . .] A Teletela recebia e transmitia simultaneamente. Qualquer barulho, que Winston fizesse, mais alto que um cochilo, seria captado pelo aparelho; além do mais, enquanto permanecesse no campo de visão da placa metálica poderia ser visto também.”

Não há como desconhecermos a compreensão de um sentido. A Mídia, sobretudo, por intermédio da Televisão age, como um Superego coletivo, autocrático, que dita normas, modelos e punições, a todo o momento.

Freud (1996) assinalou as características da repressão no processo inconsciente. Utilizou a palavra alemã, *Vorstellungsrepräsentanzen*, para identificá-la, como representantes ideativos, determinantes das questões ideológicas.

No seu retorno a Freud, Lacan (1998) traduziu-a, como representante das representações. Caracterizou, nesse sentido, a repressão, como significante, ou seja, a fonte das significações e de todos os sintomas.

A Mídia, em sua pluralidade singular, é o representante das representações. Dá forma, medida e espessura da realidade, tecida pelos seus discursos e pelas suas imagens. Materializa, em gênero, número e grau, o Narcisismo, em sua face de Onipotência. Parece reprimir, em seus espelhos, um inimigo oculto. É um Complexo de Inferioridade, diante dos desígnios da Natureza.

Não é para menos. Nos séculos XX e XXI, terremotos, erupções, ciclones e enchentes deixaram uma contabilidade trágica. Sepulturam “[. . .] mais de 1 milhão de pessoas na Europa e na Ásia.” (FREITAS Júnior, 2005, p. 71), sem contar o Maremoto, na Ásia, em 2004.

O Maremoto, ocorrido em 26 de dezembro de 2004, no Oceano Índico, alterou a rotação da Terra. Trouxe, ainda, repercussões em outros continentes distantes. Gryzinski (2005, p. 47) o decodificou, com interrogações:

Como classificar um fenômeno, que mudou o eixo de rotação da Terra? Que adjetivos usar, para um cataclismo, que deslocou ilhas inteiras - e engoliu outras, para sempre? Que matou, em segundos, mais de 100 mil pessoas em 12 países? [. . .] Que começou, com impressionantes 9 graus, na escala Richter, nas proximidades do arquipélago indonésio, teve força, para atravessar 6.500 quilômetros, e matar gente na costa oriental da África, além de alterar marés no Chile [. . .]

O Maremoto, como real, não é apropriado pelos signos em sua plenitude. Apenas alguns dos seus aspectos são representados pelo Socioleto midiático. É, como fato noticioso, nutrido por uma lógica da Tragédia. Possui um significante hegemônico: a Antítese trágica, associando vida e morte, homem e natureza.

Em seu sentido genérico, o evento trágico, convertido como Notícia. Traz, na Antítese, a situação de Cúmulo - a má-sorte -, para quem foi vitimado. É um *Fait Divers* - uma informação sensacionalista, de acordo com Barthes (1971). A presença da Antítese trágica, como significante, singulariza o tipo do *Fait Divers*. Caracteriza-o, como de Coincidência, conforme Barthes (1971).

Os eventos trágicos, determinados pelos fenômenos naturais, vêm preocupando algumas organizações. A ONU - Organização das Nações Unidas - criou a Vigilância

Meteorológica Mundial em 1962. Possui um objetivo específico, como observa Langlö (1974, p. 14):

[...] Seu principal objetivo é o de estabelecer um sistema, que permita fornecer, a todos os países, as observações e dados, relativos ao tempo e ao clima, que necessitam, para a adoção de medidas pertinentes. Todos os Estados participam, ativamente, no sistema, recebendo e transmitindo as informações do caso [...]

A questão informativa adquire notória relevância, sobremaneira, em dois sentidos. Um é o de agilidade, que parece ter faltado, no caso do Maremoto, na Ásia. O outro, o de responsabilidade social na seleção e organização das mensagens.

Em 3 de janeiro de 2005, Criciúma, a maior cidade do sul de Santa Catarina, foi atingida por um tornado, com uma velocidade superior a 150 km, por hora. Deixou, em 45 minutos, um saldo trágico. Destruiu 180 casas, desabrigando 300 pessoas, com 25 feridos e uma morte, conforme Pinho (2005, p. 78).

Na mesma tarde, no programa, Chamada Geral, 2ª Edição (2005), na Rádio Gaúcha, o âncora, Osiris Marins, interrogou o meteorologista, Cléo Kuhn, sobre o tornado em Criciúma. Este respondeu: “Foi um pé-de-vento, mas eu não vi.”

A resposta parece resgatar a retórica de São Tomé. O que não vimos não existe, ou colocamos sobre a égide da dúvida. Tal argumento empírico, associado com a imprecisão conceitual entre tornado e “pé-de-vento”, não se credencia, como uma informação, com responsabilidade social. Carece de uma abordagem ética, dada a sua condição massificante, transmitida por uma emissora, que é uma concessão pública.

No Chile, na cidade de Concepción, 12 mil pessoas fugiram aterrorizadas em 17 de janeiro de 2005. A fuga, em massa, teve uma vítima fatal. Uma mulher, de 68 anos, cujo o nome não foi revelado, faleceu, “devido a uma parada cardiorrespiratória. O pânico foi gerado pela informação falsa sobre a possibilidade da ocorrência de um Maremoto.” (PÂNICO..., 2005, p. 32).

A ação dos mais recentes fenômenos naturais, em seus signos trágicos, parece deixar um recado conotativo. É a fragilidade humana. A Mídia necessita rever e reciclar a sua oferta informativa sobre a previsão do tempo.

2.2 A metonímia da imagem

No Brasil, a Mídia, impressa e eletrônica, convive com uma hegemonia. É à da Televisão, em geral, e da Rede Globo, em particular, com a Metonímia da Imagem, sintonizada e modulada pelos interesses ideológicos, próprios do modo de produção capitalista.

A Globo, com o Jornal Nacional (JN), desde 1º. De setembro de 1969, vem massificando a previsão do tempo. Criou, em 1991, um quadro fixo, com Sandra Annenberg (GLOBO, 2004), com ostentação e pompa.

Annenberg (GLOBO, 2004) lembra que o quadro era produzido, em São Paulo, e gerado para o Rio de Janeiro, por volta das 19h. Ela explica que, naquela época, os equipamentos meteorológicos, no Brasil, eram, ainda, muito precários e o índice de erro, nas previsões, muito grande. Ainda, acrescenta:

Não se fazia previsão, com cinco dias de antecedência. Mal se conseguia acertar de manhã até a noite. Aquilo era muito duro, porque a gente levava a sério, e era para ser levado a sério. Tentávamos fazer o que faziam as televisões norte-americanas e inglesas, principalmente a BBC, que foi a precursora de previsão de tempo no mundo. (GLOBO, 2004, p. 232).

De lá para cá, muita coisa parece ter mudado. A Meteorologia está melhor equipada, com os recursos, mais aperfeiçoados, dos satélites e da Informática. O JN já trocou diferentes profissionais, no encargo da previsão do tempo, porém não trocou o seu Socioleto.

O JN preserva a hegemonia do Gênero Informativo, compromissado com o anúncio noticioso na dimensão presenteísta. Não quer cortar o seu cordão umbilical com a Ditadura militar, que parece não ter terminado para ele.

Respalado mais pela liderança quantitativa, de caráter duvidoso, o JN mantém a ditadura de um Socioleto, que se notabilizou. Não por possuir esmero jornalístico, mas por ter vocação servil aos diferentes naipes de ditadores de plantão.

O tempo parece, também, não ter passado no seu quadro de previsão meteorológica. Restringe-se à lógica cartesiana do Gênero Informativo, que quer ser objetivo, para provar que é neutro. Apresenta, em geral, um comunicador, em parceria com um mapa. Ele fala, tal qual um papagaio bem-amestrado, ou, quem sabe, reprisa a impostação dos locutores da Globo, quando liam os AI-5.

Nos bastidores de tal Socioleto, sobrevive, convenhamos, uma fidelidade epistemológica. O culto e o rito à Objetividade parece ser a mais eloqüente profissão de fé e devoção, recebidas pelo Positivismo. Chega a ter sabor de folhetim.

A previsão do tempo é estática. Possui um sotaque de jogral, quase afogado na tábua-rasa de sua profunda mesmice. Está restrito na bitola, e bitolado pela mesma, do Gênero Informativo, absolutizado e Linear, que não provê. Consegue apenas ser insípido e inodora.

A hegemonia da Globo parece ser o paradigma, para a generalidade das outras emissoras. Estão disponíveis e disponibilizadas pela cópia simples e superficial, inclusive da orfandade criativa. Parecem cumprir uma vocação de papel-carbono.

O Jornal da Gazeta, Jornal da Record, Jornal do SBT e Jornal da TV, da RedeTV, estão padronizados a partir e além do nominalismo. Trabalham a previsão do tempo, através da unidimensionalidade do Jornalismo Informativo, que já pôde ter sido uma solução no passado, mas, hoje, se configura como problema. Não basta mais informar,

porém ir mais longe, sobretudo, nas questões meteorológicas. O Gênero Interpretativo parece se constituir em uma necessidade emergente.

2.3 O diferencial interpretativo

Nos canais abertos, no Brasil, existe um diferencial. É o Jornal da Band, com Carlos Nascimento, mesmo com a sua miopia oficialista, singulariza um outro conceito na previsão do tempo desde 2003. Possui uma abordagem mais criativa.

Nascimento (2005, p. 18) observa a importância de ter implantado o quadro de Meteorologia. “Ele é uma das bases do telejornal. Dura um minuto e meio. Às vezes, três.” Acrescenta, que “[. . .] a Mariana traz, além da previsão, agrometeorologia e procura informações sobre acontecimentos no espaço, fenômenos naturais.”

A jornalista Mariana Ferrão é a editora da Previsão do Tempo. Dispõe, como as outras emissoras, de um mapa, para conviver com as previsões diárias. Não fica, no entanto, cativa do Gênero Informativo. Consegue transcendê-lo. Ela não inscreve, nem circunscreve a previsão, em uma prisão narcísica do presenteísmo. Vai além. Resgata o passado, como antecedentes, e projeta o futuro, como conseqüências e repercussões.

A jornalista investe na pluralidade de significantes do Socioleto televisivo. Compatibiliza a fluência oral com a Imagem, que não se restringe ao sentido estático. É dinâmica. Mostra as paisagens das cidades e regiões brasileiras, em suas densidades contemporâneas.

A previsão do tempo não é um quadro, divorciado do cenário jornalístico. Ela contracenava, nele, empreendendo diálogos com as Notícias diárias. A Natureza se configura como um personagem do palco cotidiano, com interatividade social. Durante o Carnaval baiano, de 2005, a jornalista esteve em Salvador, como parte da cobertura da Rede Bandeirantes. Foi além do sentido estático do mapa meteorológico. Mostrou e demonstrou as chuvas no cenário de cartão postal do Farol da Barra e de Ondina, na dinâmica de suas repercussões cotidianas.

Os fenômenos naturais não são represados na ilhota do Gênero Informativo. Não ficam adstritos à embalagem de factualidade, de expressão presenteísta, dissolvida como uma Informação casual, de moldura apenas sensacionalista.

O Gênero Interpretativo é o signo básico. Estabelece o diferencial. Decupa o caráter informativo em uma tridimensionalidade temporal. Pronuncia a dialogicidade entre o presente, o passado e o futuro. A tessitura da previsão do tempo não é órfã da contextualidade. Ela possui um agora, que interage com o ontem e com o horizonte de um amanhã. Ostenta um sentido interpretativo.

Maffesoli (1995) observa que a Pós-Modernidade é simbiótica. Funde os sentidos do arcaico e do desenvolvimento tecnológico, em um estilo barroco. A previsão do tempo, ancorada por Ferrão, traz algumas evidências. Aborda os fenômenos naturais,

como personagens, que dialogam com o todo social. Têm uma tridimensionalidade temporal. São textos, sintonizados com os respectivos contextos.

Assim, a Natureza, abordada, de forma interpretativa, conota o arcaico, e a Televisão, o desenvolvimento tecnológico. Ambas se encontram simbiotizadas, barrocamente, e se esboçam em suas feições e seus sentidos pós-modernos.

Portanto, o Maremoto, na Ásia, e outras tragédias contemporâneas parecem, na falta de seus sentidos, deixarem um sentido para a Mídia. É a necessidade de reciclagem do Socioleto da previsão do tempo, que se torna insuficiente, quando aprisionado pelo Gênero Informativo. Precisa ser abordado, através do Gênero Interpretativo, cuja contextualidade promove uma metalinguagem mais verossímil. A previsão do tempo, com Ferrão, no Jornal da Band, é um diferencial de qualidade jornalística, em meio à mediocridade, que, ainda, é hegemônica.

ABSTRACT

The Tragedies have a purification sense, according to Aristotle (1960). The Tidal waves which happened in Asia in 2004 and killed more than 300 thousand people, seem to claim for a New Media demand. The Weather Forecasts need to be recycled. Just Information is not enough. The Interpretation turns up, with urgency. These questions will be reflected in this essay, with theory and methodology based on Roland Barthes' Semiology.

Keywords: Media. Semiology. Environment.

RESUMEN

Las tragedias tienen un sentido de purificación, conforme el filósofo griego Aristoteles (1960). El maremoto, que ocurrió en Asia, en 2004, provocando la muerte de 300 miles de personas, parece reivindicar una nueva demanda mediática. Las previsiones meteorológicas y climáticas necesitan ser recicladas. Solamente la Información ofrecida puede no bastar. La Interpretación se esboza, de modo emergente, con emergencia. Estas cuestiones tienen reflexos, en lo ensayo, con los subsidios teóricos y metodológicos de la Semiología, en Roland Barthes.

Palabras-clave: Media. Semiología. Medio Ambiente.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *A poética*. Porto Alegre: Globo, 1960.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *Ensaio crítico*. Lisboa: Edições 70, 1971.

CALLENBACH, Ernest. **Ecologia: um guia de bolso**. São Paulo: Petrópolis, 2001.

CARNEIRO, Augusto. **A história do ambientalismo**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2003.

CHAMADA geral, 2ª edição. Apresentado por Osiris Marins. Porto Alegre: Rádio Gaúcha, 03 jan. 2005, 17 h 10 min. 55 min. Entrevista com Cléo Kuhn.

Freitas JÚNIOR, Osmar. Cidadania global. **IstoÉ**, São Paulo, n. 1839, p. 71, 12 jan. 2005.

FREUD, Sigmund. **Repressão**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GLOBO. Jornal Nacional. **A notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GRYZINSKI, Vilma. O mar dos mortos. **Veja**, São Paulo, n. 1886, p. 47, 5 jan. 2005.

KLOETZEL, Kurt. **O que é meio ambiente**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

JORNALISMO AMBIENTAL. Disponível em: <<http://www.ecoagencia.com.br/jornalismoambiental>>. Acesso em: maio 2003.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. V. 11.

LANGLÖ, Kaare. **Predecir y cambiar el Tiempo**. Barcelona: Publicaciones Reunidas, 1974.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

NASCIMENTO, Carlos. Feitiço do tempo. **O Sul**, Porto Alegre, ano 4, n.1345, 9 mar. 2005. Caderno de Reportagem, p. 18.

ODUM, Eugene P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

ORWELL, George. **1984**. 27.ed. São Paulo: Companhia Nacional, 2002.

Pânico no Chile com falsa tsunami. **Diário Catarinense**, Florianópolis, n. 6851, p. 32, 18 jan. 2005.

PINHO, Cláudia. Dança negra. **IstoÉ**, São Paulo, n. 1839, p. 78, 12 jan. 2005.

VILA, Rafael Candel. **Predecir y cambiar el tiempo**. Barcelona: Reunidas, 1974.

Copyright (c) 2005 Autor(es) / Copyright (c) 2005 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the
authors, and the right of first publication is conceded to the journal.
Due to the journal being of open access, the articles are of free use in
research, educational and non-commercial activities.



Selo CC-BY-NC com Direito Autoral_2005